

VERSOS DE REABRIR

por Gio de Oliveira, em diálogo com as obras das
categorias Teatro na Escola e Escola de Teatro, na
modalidade Criações de Minuto do Festival Estudantil de
Teatro de Belo Horizonte - FETO BH, 2022

“Janela, palavra linda.

Janela é o bater das asas da borboleta amarela.

Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,
janela jeca, de azul.

Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,
meu pé esbarra no chão.

Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.

Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
claraboia da alma,
olho do meu coração.”

PRADO, Adélia. Janela, in Bagagem, p.103, 1993

Com muita alegria
e alguma ansiedade,
sou convidado a mover
algumas ideias acerca
das categorias
Escola de Teatro
e Teatro na Escola,
na programação do FETO BH 2022.

Me refiro aos trabalhos
na modalidade
Criações de Minuto
das referidas categorias

respectivamente.

Impressionado com a poesia
emanada vivamente
de seus intérpretes,
dedico tortos versos à sua homenagem,
Atrizes, Atores, Performers, Artistas
do exercício infindo da criação em arte...
De obras cênicas
permeadas por multilinguagens
desejo uma multi crítica
que deslize pelas formas todas
para provocar e excitar diálogos.

Digo alegria,
do instante concentrado,
do momento expectado
À cena aberta,
troca sempre sensível
de algo antes inexecuível
mas que se apresenta agora,
aqui,
pra mim e comigo,
conosco.

Digo ansiedade,
da relação sempre caótica
de instâncias instáveis
que evocam os encontros
via internet...
E sei que quem se mete
a navegar por essas ondas,
vai trafegar intensos estímulos,
emergir e submergir

os algoritmos...

Movo então as ideias
que esbarram em mim
porque antes movidas,
avistadas pela janela
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela
da tela de um smartphone...

Encaro meu San Marino
ao alcançar a cena Marlboro
velejada por Lua Costa
de São Luís do Maranhão
para passar por todas as encostas
e continentes da rede...

Marlboro é um tratado,
uma teoria de revisão do amor...
Tese e antítese
das incógnitas
que permeiam o universo da artista,
salto ao desconhecido,
ao sentido...

Observadora da vida e de seus seres
Lua Costa erige em imagens,
incandescentes formas
que serão as rochas novas
dos novos mundos que cria para si

e os habita de sentidos..

Feridas que doem e que se sentem.
Poética que arde sem se ver,
E se vendo sem se ver
vendo...

Um dia inteiro
passadas essas meditações,
entregue a rumações
que o teatro vive a trazer pra gente,
retorno ao beiral da janela
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela
da tela de um smartphone...

Se caio desta janela,
caio pra dentro?
Ou caio para fora?
Fora de mim, dentro de lá?
O que se emana aqui
não se encerrará.
Reverbera, caminha no ar...

Nesse ponto da discussão
esgueiro Limiar...
Exercício intrigante
e de fina safra
da seara da artista
Gabriella Seabra...

Chá e chão,
xícara e bule...
Em Belo Horizonte
roça as cascas da sintaxe,
na construção
de visual texto
aqui dito performance...

Desempenho de ações,
experimento de textos,
tessituras...
Diálogo com ecos,
texturas,
jogo de luz e afetação...
Gabriella diz indizíveis,
desata nós na garganta.

Passada uma lua no céu,
como computador e secretário
me posto ao mesmo horário
diante da janela
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela
da tela de um smartphone...

Como quem pula
no sem fim
do que pode vir a ser
a interpretação de algo,

encontro Lucy Pina em
Mergulho Descalça...

Assim como Florianópolis,
ao mesmo tempo
ilha, continente
e cidade,
Lucy Pina manipula ideias de águas...
Águas profundas,
águas que forjam,

Águas...
Em sua una diversidade...

Força amniótica,
Invólucros e rompimentos...
As possibilidades do circo,
suas histórias...

Sonoridades cósmicas
trilham os malabares de Sérgio Pina...

Respeitável público!
Há respeito em suas relações?

A pergunta acima,
a que também me faço,
me recorda dito antigo
propagado antes
por queridos entes:
“Se bosta de pinto não é pipoca,
focinho de porco não é tomada!”,
uma vez que uma coisa
é uma coisa,

outra coisa
é outra coisa,
o que se diz
é o que se fala,
e o que não se grita,
não quer dizer que se cala...

Voava por entre essas aflições
quando me ocorreu que
o encontro de dois
na pólis,
é sempre político...

Não poderia
deixar de ser,
portanto,
aquilo que se fala,
política..
Como o que se fala,
o que se pensa...
Toda discursividade é política...
Sua prima-irmã, a crítica,
Pergunta e resposta
a bailar no amplo
do espaço do contraditório...

É nessa altura que retorno
ao mesmo ponto
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela

da tela de um smartphone...

É daqui que ouço,
ouço bem,
vejo com todo o corpo
a obra Provérbios Politikos
de Mariana Lima Madeira,
artista insular
de São Luís do Maranhão
para todas as encostas
e continentes da internet...

E se Maria tivesse voz,
o que diria?
Através de Mariana,
quem fala é Maria...

Em rítmica e mística precisas,
tece profunda análise da conjuntura...
Que velho trapaceiro!
Esconjura...
Ao manipular máscara
trama denúncias,
inspira manifesto!

É manifesta aqui
a potência da elaboração do texto...
Mariana lima a hipocrisia,
empurra, fricciona as fraquezas
dos discursos fascistas,
bate com a madeira forte da dramaturgia,
nas ideias caducas
de dominação e tristezas...

Maria fala,
mas você ouve?
Ouvimos Maria?

Buscava sintonizar
meus ouvidos
para os chamados do mundo
quando a terra girou
suas vinte e quatro horas
e me vi naquela mesma posição
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela
da tela de um smartphone...

Ali que é aqui e também acolá,
eu te ouço Dhan Lopes,
busco ser solidário em sua agonia.
O vermelho da sua performance
acende os alertas que carecem
para acordar a humanidade..

Humanidade
não esse povo todo,
mas o que há de humano
em todo o povo...
Boca, ouvido, nariz,
quem indaga
questiona a força motriz
dos algoritmos que nos confundem.
Exata dicção

e a maestria
da mais fina poesia
nos convida a pensar
aquilo que é dito de boca pra fora
para então valorar
o que sentimos da pele pra dentro...

É tão mais fácil falar
que ouvir...
Invertemos a ordem dos processos
e apreciemos o trocar...
Ver através da janela
e se deixar impressionar...
Conferir as belezas do dia,
viver a noite,
bem se afetar...

Vejamos pela janela
que vai dar no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram...
Entre posts e designers
me posto alerta
a beira da janela
da tela de um smartphone
para saudar os movimentos
das Escolas de Teatro,
sempre pela história
a entregar no ato,
a razão de sua memória:

criar, formar, devir e ser...
Força tal que se emana
quando o teatro também

vai a escola
e ali desenrola a sutileza
de sua revolução...

Que mesmo por através
das janelas que vão dar
no ciberespaço
lá pra baixo do fim que não tem,
a tela rolada dos abismos do instagram,
possamos encontrar alívio,
e reunir forças para

mover ideias,
reorganizar os ritos,
refazer a cena,
reaver o diálogo,
refundar a humanidade,
reabrir o sensível...